

## MORFOSSINTAXE DO VERBO IKPENG (KARÍB): UM ESTUDO TIPOLÓGICO-FUNCIONAL \*

Frantomé B. PACHECO

**RESUMO** *O objetivo do trabalho é apresentar alguns aspectos da morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karíb), língua falada por mais de duzentas e cinquenta pessoas que habitam as proximidades do Posto Indígena Pavuru, no Parque Indígena do Xingu (MT). Discute-se: a) a estrutura morfológica do verbo independente e dependente; b) os tipos de verbos encontrados na língua; c) a marcação de caso e a ordem. Defende-se que a língua é do tipo V-inicial, estando os SNs em posição pré-verbal pragmaticamente marcados. Partindo da tipologia da marcação núcleo-dependente, classifica-se o Ikpeng como língua com marcação no núcleo (head-marking).*

**ABSTRACT** *This work aims at presenting some aspects of Ikpeng's (Carib) verb morphosyntax. The language is spoken by more than 250 people who live nearby the Posto Indígena Pavuru in Xingu Indian Reservation (MT, Brazil). The work intends to describe: a) the morphological structure of independent and dependent verbs; b) the types of verbs; c) case markedness and word order. It also situates Ikpeng in Order Typology as a V-initial head-marking language whose NPs in pre-verbal position are marked pragmatically.*

### 0. INTRODUÇÃO

A língua Ikpeng, conhecida como “Txikão”, pertence à família Karíb e é falada por uma população de mais de duzentas e cinquenta pessoas que habitam nas proximidades do Posto Pavuru no Parque Indígena do Xingu (MT). Segundo Rodrigues (1986), apresenta muitas semelhanças lexicais e gramaticais com o Arara do Pará, estando as duas diretamente relacionadas (cf. tb. Gildea, 1998). Os Ikpeng

---

\* Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 18 de junho de 2001, sob a orientação da Profª Drª Lucy Seki.

não são moradores tradicionais do Parque. Foram transferidos para os seus limites em 1967, após terem sido contatados pelos irmãos Villas-Boas na região Ronuro-Jatobá em 1964.

A pesquisa tomou como ponto de partida as dissertações de Campetela (1997) e Pacheco (1997), além de vários artigos apresentados em congressos por esses pesquisadores. Os dados constantes na tese foram coletados durante sucessivas viagens ao campo, que perfizeram um total de aproximadamente seis meses, entre 1994-2000, além de informações obtidas durante os Cursos de Formação de Professores do Xingu e durante a visita de falantes a Campinas e Jundiá, uma em 1994 e outra em 1995.

A análise do material foi feita dentro do modelo tipológico-funcional, conforme proposto por Dixon (1994), Comrie (1989) e Givón (1984 e 1990), entre outros. Os dados foram transcritos empregando-se o seguinte inventário de fonemas (entre parênteses, símbolos alternativos do IPA)<sup>1</sup>:

- (1) a. Vogais: /a, e, i, ɨ, o, u/;  
b. Consoantes: /p, t, k, g, tʃ, m, n, ŋ, r (=r), l, w, y (=j)/

## 1. MORFOLOGIA DO VERBO IKPENG

Encontram-se marcadas no verbo independente<sup>2</sup> informações sobre a pessoa, valência, número, tempo/aspecto/modo, além de informações que indicam deslocamento, causa e desejo. A partir da tipologia da marcação núcleo-dependente proposta por Nichols (1986), identifica-se o Ikpeng como língua com marcação no núcleo (*head-marking*), por indicar, no núcleo da construção, informações sobre as relações gramaticais, entre ele e seus dependentes, em oposição àquelas que marcam no dependente essas relações. Os afixos encontrados no verbo são<sup>3</sup>:

---

<sup>1</sup> O inventário partiu da proposta de Emmerich (1980) e dos trabalhos de Pacheco (1997) e Campetela (1997), que a reanalisaram.

<sup>2</sup> Uma forma verbal é independente quando ocorre numa oração independente ou principal e se opõe à forma verbal dependente ou subordinada, que, geralmente, encontra-se nominalizada.

<sup>3</sup> Abreviaturas: A=sujeito de transitivo; ADJTO=adjunto; ADV=adverbial; AUX=auxiliar; CAUS=causativo; COL=coletivo; CONT=continuativo; DAT=dativo; DES=desiderativo; FIN=finalidade; IMP=imperativo; ITER=iterativo; LOC=locativo; MOD=modo; MOV=movimento; NEG=negação; NPAS=não passado; NT=nominalizador temporal; NZ=nominalizador; O=objeto; PART=partícula; PL: plural; PN=passado nominal; REC=passado recente; REF=reflexivo; REL=relativo; REM=passado remoto; S=sujeito intransitivo; Sa=sujeito intransitivo ativo; So=sujeito intransitivo inativo; SP=sintagma posposicional; SUBR=subordinador; V=verbo; 1=primeira pessoa; 2=segunda pessoa; 3=terceira pessoa; 1+2=primeira inclusiva; 1+3=primeira exclusiva.

- (2) Prefixos pessoais e reflexivo:
- a. **k-arep-lî** (1Sa-chegar-REC) 'Eu saí'
  - b. **g-aginum-lî** (1So-chorar-REC) 'Eu chorei'
  - c. **k-or-eneŋ-lî** (1Sa-REF-ver-REC) 'Eu me vi'
- (3) Sufixos de tempo, aspecto e modo:
- a. **munpok y-enen-taŋte** (ontem 1A3O-ver-REM) 'Ontem eu o vi'
  - b. **k-araŋ-tŋi** (1Sa-ir-NPAS) 'Eu irei'
  - c. **kur-ak-ti-t** (1+2A3O-comer-PL-NPAS) 'Nós iremos comê-lo'
  - d. **k-ara-naŋ man** (1Sa-ir-CONT PART) 'Eu estou indo'
  - e. **Ø-etpu-tke-lî** (3A3O-rachar-ITER-REC) 'Ele a rachou'
  - f. **arep-ko** (vir-IMP) 'Venha até aqui!'
- (4) Causativo e desiderativo:
- a. **Ø-enem-po-lî** (3A3O-ver-CAUS-REC) 'Ele o fez ver'
  - b. **y-ak-tine pow** (1A3O-comer-DES porco) 'Eu quero comer porco'
- (5) Coletivo e deslocamento:
- a. **m-or-enen-ti-t** (2Sa-REF-ver-PL-NPAS) 'Vocês vão se ver'
  - b. **Ø-eneŋ-lî-ŋmo** (3A3O-ver-REC-COL) 'Eles o viram'
  - c. **y-enen-ta-ŋap** (1A3O-ver-MOV-PERM) 'Eu vou lá ver'
- Abaixo, apresentam-se exemplos que contêm partículas e a forma auxiliar, empregada para alojar as marcas tempo-aspectuais quando o verbo ocorre nominalizado ou na forma negativa:
- (6) Negação, dubitativo, declarativo e forma auxiliar:
- a. **y-eneŋ-lî wa** (1A3O-ver-REC NEG) 'Eu não o vi'
  - b. **aptama eneŋ-lî eto** (não sei ver-REC PART) 'Não sei se ele viu'
  - c. **k-ara-naŋ man** (1Sa-ir-CONT PART) 'Eu estou indo!'
  - d. **k-arami wa etŋi-lî** (1Sa-olhar NEG Aux-REC) 'Eu não olhei'
  - e. **araype m-it-taŋte** (magro 2-Aux-REM) 'Você era magro'

## 2. VERBOS INTRANSITIVOS

Verbos intransitivos são aqueles que possuem um único argumento. Em Ikpeng, eles pertencem a duas classes: os **Sa**/ativos e **So**/inativos. Os primeiros se subdividem em ativos não derivados, ativo-reflexivos e médio-reflexivos. A identificação das classes **Sa** e **So** é feita a partir do tipo de prefixo pessoal encontrado no verbo, conforme mostrado a seguir.

### 2.1. Prefixos pessoais e identificação dos tipos de verbos intransitivos

Os prefixos pessoais indicam a pessoa gramatical, que se refere às pessoas que participam ou são referidas durante o discurso ou evento de fala. São identificadas como primeira, segunda, primeira inclusiva e terceira. As formas pronominais afixadas podem co-ocorrer com as formas pronominais livres (pronomes pessoais e pronomes demonstrativos)<sup>4</sup>, sendo estas não necessárias quando aquelas ocorrem afixadas.

Há duas séries de prefixos pessoais: a) Série I: encontrada nos verbos intransitivos, indicando o argumento **Sa**, e, nos verbos transitivos, o argumento **A** (sujeito transitivo); b) Série II: encontrada nos verbos intransitivos, indicando o argumento **So**, e, nos verbos transitivos, o argumento **O** (objeto). Esta última ocorre também nos nomes, indicando a pessoa do possuidor, e nas posposições, indicando o objeto pronominal.

#### <sup>4</sup> Pronomes pessoais

PESSOA	PRONOMES	
	singular	plural
Primeira	uro	
Segunda	omro	omro-ŋmo
Primeira inclusiva	ugro	ugro-ŋmo
Primeira exclusiva	tŋimna	

#### Pronomes demonstrativos

DISTÂNCIA / ANIMACIDADE		DEMONSTRATIVOS	
		singular	plural
Próximo	Animado	ore-n	w-am
	Inanimado	ne-n	ne-yam
Distante	Animado	ugu-n	ug-yam
	Inanimado	mu-n	mu-yam

(7) Série de prefixos pessoais<sup>5</sup>

PESSOA	SÉRIE I	SÉRIE II	
		Antes de radical V-inicial	Antes de radical C-inicial
1	<b>k-</b>	<b>g-</b>	<b>ɨ-</b>
2	<b>m-</b>	<b>w-</b>	<b>o-</b>
1+2	<b>kut-</b>	<b>ugw-</b>	<b>wɨ-</b>
3	<b>Ø-</b>	<b>y-</b>	<b>i-</b>

A seguir, apresentam-se exemplos de paradigmas pertencentes às duas classes de verbos intransitivos: i) o verbo intransitivo **Sa**/ativo; ii) o verbo intransitivo **So**/inativo (ou estativo). Observe-se que a Série II apresenta uma alomorfia condicionada pela natureza do segmento inicial do radical ao qual é prefixada, sendo que, diante de radicais V-iniciais, assume a forma /C/ ou /VCw/, e, diante de radicais C-iniciais, a forma /V/ ou /CV/:

(8) Série I-Sa	Série II-So	
	i) Radical V-inicial	ii) Radical C-inicial
a. <i>karanmelɨ</i> <b>k</b> -aranme-lɨ 'Eu corri'	e. <i>gaginumli</i> <b>g</b> -aginum-lɨ 'Eu chorei'	i. <i>ɨlaktetkelɨ</i> <b>ɨ</b> -laktetke-lɨ 'Eu cuspi'
b. <i>maranmelɨ</i> <b>m</b> -aranme-lɨ 'Você correu'	f. <i>waginumli</i> <b>o</b> -aginum-lɨ 'Você chorou'	j. <i>alaktetkelɨ</i> <b>o</b> -laktetke-lɨ 'Você cuspiu'
c. <i>kwaranmelɨ</i> <b>kut</b> -aranme-lɨ 'Nós corremos'	g. <i>ugwaginumli</i> <b>ugw</b> -aginum-lɨ 'Nós choramos'	l. <i>wɨlaktetkelɨ</i> <b>wɨ</b> -laktetke-lɨ 'Nós cuspiamos'
d. <i>aranmelɨ</i> <b>Ø</b> -aranme-lɨ 'Ele correu'	h. <i>yaginumli</i> <b>i</b> -aginum-lɨ 'Ele chorou'	m. <i>ilaktetkelɨ</i> <b>i</b> -laktetke-lɨ 'Ele cuspiu'

<sup>5</sup> Algumas mudanças na realização do morfema de primeira inclusiva da série ativa {**kut-**} e na de segunda da série inativa {**o-**} são determinadas por outros fatores, como a natureza da consoante ou da vogal que constitui a primeira sílaba do radical, conforme apresentado abaixo:

i) Alomorfes de {**kut-**}: a) /**kut-**/ diante de consoantes; b) /**kutɨ-**/ diante da vogal /i/; c) /**kur-**/ diante das vogais médias /o/ e /e/; d) /**kw-**/ diante da vogal baixa /a/;

ii) alomorfes de {**o-**}: a) /**a-**/ diante de consoante seguida da vogal /a/; b) /**w-**/ diante da vogal /a/; c) /**o-**/ diante da vogal /e/ e de consoante não seguida de /a/.

## 2.2. Verbos intransitivos derivados via prefixo reflexivo

O prefixo reflexivo apresenta os seguintes alomorfes: /ot-/ diante de radicais iniciados por consoante não seguida de /a/; /at-/ diante de radicais iniciados por consoante oclusiva seguida da vogal /a/; /ar-/ diante de radicais iniciados pela vogal /a/; /otʃ-/ diante de radicais iniciados pela vogal /i/; /or-/ diante das demais vogais.

Segundo análise proposta por Pacheco (2001), o reflexivo deriva dois tipos de verbos intransitivos: i) o verbo ativo-reflexivo; ii) o verbo médio-reflexivo:

- (9) a. k- or- enej -li (1Sa-REF-ver-REC) 'Eu me vi'  
 b. Ø- or- enej -li (3Sa-REF-ver-REC) 'Ele se viu'  
 c. k-otʃ-ikore-li (1Sa-REF-quebrar-REC) 'Eu me machuquei'  
 d. Ø-otʃ-ikore-li pirom (3Sa-REF-quebrar-REC flecha) 'A flecha se quebrou'

O que identifica um verbo ativo-reflexivo (cf. exemplos (9a) e (9b)) é o fato de possuírem um argumento não-afetado, ao contrário do verbo médio-reflexivo (cf. exemplos (9c) e (9d)) que possui um argumento afetado.

## 3. VERBOS TRANSITIVOS

### 3.1. Prefixos pessoais em verbos transitivos

Nos verbos transitivos, os prefixos pessoais indicam uma das pessoas envolvidas no evento, exceto quando há a relação 2A×1O, momento no qual se marcam as duas pessoas. Veja-se o quadro abaixo:

(10) Marcadores de pessoa no verbo transitivo

SUJEITO (A)	OBJETO (O)			
	1O	2O	1+2O	3O
1A		k-		i-/in-
2A	ugw-			m-
1+2A				kut-
3A	g-/i-	o-/w-	ugw-/wi-	Ø-/ i-/ t-

A seguir, a pessoa e a função que ocorrem marcadas nos verbos transitivos:

A) Na relação terceira e outras pessoas, marca-se A nos seguintes casos:

- (11) a. Ø-enej-li (3A-ver-REC) 'Ele o viu' 3A ⇒ 3O  
 b. m-enej-li (2A-ver-REC) 'Você o viu' 2A ⇒ 3O

- c. kur-eneŋ-li (1+2A-ver-REC) ‘Nós o vimos’ 1+2A ⇒ 3O

E marca-se **O** nos seguintes casos<sup>6</sup>:

- (12) a. g-eneŋ-li (1O-ver-REC) ‘Ele me viu’ 3A ⇒ 1O  
 b. ugw-eneŋ-li (1+2O-ver-REC) ‘Ele nos viu’ 3A ⇒ 1+2O  
 c. o-eneŋ-li (2O-ver-REC) ‘Ele te viu’ 3A ⇒ 2O  
 d. y-eneŋ-li (3O-ver-REC) ‘Eu o vi’ 1A ⇒ 3O  
 e. t-wo-li (3-matar-REC) ‘Ele o matou’ 3A ⇒ 3O  
 f. i-woŋ-li (3-encontrar-REC) ‘Ele o encontrou’ 3A ⇒ 3O

B) Quando a relação é 1A ⇒ 2O, marca-se 1A:

- (13) k-ineŋ-li (1A-ver-REC) ‘Eu te vi’ 1A ⇒ 2<sup>o</sup>

Mas, quando a relação é 2A ⇒ 1O, marcam-se os dois através do prefixo 1+2:

- (14) ugw-eneŋ-li (1+2-ver-REC) ‘Você me viu’ 2A ⇒ 1<sup>o</sup>

### 3.2. O verbo transitivo não derivado

O verbo transitivo não derivado é aquele que não apresenta marcas derivacionais que indiquem terem sido formados de intransitivos. Seguem-se três exemplos desse tipo de verbo:

- (15) a. pomri Ø-eneŋ-li taē  
 rapaz 3-ver-REC macaco ‘O rapaz viu um macaco’  
 b. korotowi t-wo-li taē  
 Korotowī 3-matar-REC macaco ‘Korotowī matou um macaco’  
 c. pomri i-woŋ-li taē  
 rapaz 3-encontrar-REC macaco ‘O rapaz encontrou um macaco’

<sup>6</sup> Nos exemplos (e) e (f), há dois casos de marcação que precisam ser melhor investigados, pois divergem da marcação via {Ø-}, mais encontrada na língua (como no exemplo (11.a)). Essa alternância é encontrada nas línguas Karíb do norte e no Arara. Todavia, aqui, não parece ser condicionada pela posição do objeto (pré ou pós-verbal), como ocorre em outras línguas da família (cf. Gildea, 1998).

### 3.3. Verbo transitivizado

É o verbo derivado de um intransitivo via aumento de valência, indicado pelos sufixos causativos {-**me**}, {-**po**}, {**metpo**}, {**nopo**}<sup>7</sup>.

- (16) a. uro y-umne-**nop-li**  
eu 1A3O-secar-CAUS-REC 'Eu a sequei'
- b. gwakpitkeni y-aginum-**po-li** anpi  
enfermeira 3O-chorar-CAUS-REC menino  
'A enfermeira fez o menino chorar'

### 3.4. Verbo transitivo com ascensão do possuidor

O verbo transitivo com ascensão do possuidor apresenta um sujeito que é o possuidor do SN na função de objeto. Essa relação é marcada pelo morfema {**ti-**}, prefixado ao nome possuído, conforme pode ser observado abaixo:

- (17) anpi; Ø-ikore-li **ti-**pu-n  
menino 3A3O-quebrar-REC REF-pé-POS 'O menino; quebrou o pé dele;'

### 3.5. Verbo transitivo com dativo

Nas orações transitivas, a posposição dativa {**ina**} indica o papel de recipiente e beneficiário. Nas transitivas causativizadas, indica o "causee" (causado):

- (18) a. petkom t-eru-li anat [anpi **ina**]  
mulher 3-dar-REC milho menino para  
'A mulher deu milho para o menino'
- b. anpi i-mate-li atfi [petkom **ina**]  
menino 3-acender-REC fogo mulher para  
'O menino acendeu o fogo para a mulher'
- c. yokore Ø-enem-po-li ikpeng yukutpot [kumare **ina**]  
Iokoré 3A3O-ver-CAUS-REC Ikpeng foto Kumaré para  
'Iokoré fez Kumaré ver foto Ikpeng'

<sup>7</sup> Os afixos causativos precisam de um estudo mais aprofundado.



#### 4. MARCAÇÃO DE CASO E ORDEM NA ORAÇÃO INDEPENDENTE

O verbo em Ikpeng ocupa a primeira ou segunda posição da oração. As ordens nas quais ele aparece em terceira posição são consideradas agramaticais pelos falantes. A seguir, apresentam-se as possíveis posições para o verbo nas orações intransitivas e transitivas.

##### 4.1. Posição do verbo intransitivo

O verbo intransitivo ocorre na primeira ou segunda posição da oração. Quando ocorre em terceira posição, as orações são agramaticais:

- (19) a. **yaginumli** aṅpi kirimnole 'O menino chorou pela manhã'  
chorou menino cedo
- b. **aranmeli** aṅpi kirimnole 'O menino correu de manhã'  
correu menino cedo
- c. aṅpi **yaginumli** kirimnole
- d. aṅpi **aranmeli** kirimnole
- e. \* kirimnole aṅpi **yaginumli**
- f. \* kirimnole aṅpi **aranmeli**

##### 4.2. Posição do verbo transitivo

O verbo transitivo ocupa a primeira ou segunda posição na oração independente, como os demais verbos da língua. Se qualquer elemento for deslocado para a periferia esquerda da sentença, os demais constituintes deverão ser ordenados de forma a não permitir que o verbo ocupe a terceira posição:

- (20) a. aṅpi ina **teruli** petkom anat  
menino para deu mulher milho 'Para o menino, a mulher deu o milho'
- b. kiripnole **eneṅli** pomri akari  
cedo viu rapaz onça 'Bem cedo, o rapaz viu uma onça'

O SN em função de foco ocorre antes do verbo, que vem em segunda posição. O teste empregado para determinar essa função é a negação com {**igemni**} e a resposta a perguntas sobre os argumentos e adjuntos:

- (21) a. kaneta **etṣili** tṣileni 'Foi caneta que a Cilene comprou'  
caneta pegou Cilene

- b. kaneta **etfili** tʃileni igemni 'Não foi caneta que a Cilene comprou'  
caneta pegou Cilene NEG
- c. onok **enempo** ikpeŋ yukutpot kumare ina  
quem ver-fez Ikpeng foto Kumaré para  
'Quem mostrou a foto dos Ikpeng para Kumaré?'
- d. yokore **enempoli** eŋ-na  
Iokoré ver-fez ele-para 'Foi Iokoré que a mostrou para ele'

Quando os dois SNS são animados, o SN que ocorrer primeiro é o sujeito e o seguinte o objeto:

- (22) a. **eneŋli** korotowi akari 'Korotowi viu a onça'  
viu Korotowi onça
- b. akari **eneŋli** korotowi 'A onça viu Korotowi'  
onça viu Korotowi
- c. korotowi **eneŋli** akari 'Korotowi viu a onça'  
Korotowi viu onça

#### 4.3. O Ikpeng e a tipologia da ordem

Propomos as seguintes generalizações sobre a posição do verbo e seus argumentos na oração independente:

- i) Ordem e posição do verbo em Ikpeng: o verbo ocupa sempre a primeira ou a segunda posição da oração independente;
- ii) Ordem e posição dos argumentos verbais na oração intransitiva: o argumento **Sa/So** pode ocorrer antes ou depois do verbo;
- iii) Ordem e posição dos argumentos verbais na oração transitiva: a) o argumento na função **A** precede o argumento na função **O**; b) o argumento **O** só precede **A** caso não haja ambigüidade, sendo o primeiro inanimado ou animado não-humano e o segundo animado ou humano; c) o argumento **A** ocorre adjacente ao verbo da oração;
- iv) Posição dos adjuntos (ADVs e SPs): o adjunto pode ocorrer em qualquer posição da oração, contanto que: a) não impeça o verbo de ocupar a primeira ou segunda posição da oração; b) não se interponha entre o verbo e seu sujeito.

Os constituintes pré-verbais, inclusive os advérbios e sintagmas posposicionais, são considerados pragmaticamente marcados, sendo o foco da informação. Portanto, as ordens VS/VAO são consideradas básicas, no sentido de que são pragmaticamente não-marcadas (sobre a ordem pragmaticamente marcada, cf. Derbyshire, 1999: 55 e Mithun, 1987)<sup>8</sup>. Partindo da tipologia de Dik (1980), classifica-se o Ikpeng como **língua V2** com a ordem básica VAO, na qual a ordem AVO é a ordem dominante nas sentenças realizadas (A=S de Dik).

#### 4.4. Marcação de caso: algumas considerações

Apresentam-se algumas generalizações sobre a marcação de caso em Ikpeng<sup>9</sup>:

- 1) nas construções transitivas, a língua apresenta cisões condicionadas pelo tipo de pessoa envolvida na relação gramatical. Assim, na relação de 1 vs. demais pessoas, marca-se **1**, exceto quando está envolvida a terceira na função **O**; na relação 2 vs. demais pessoas, marca-se **2**, exceto quando 2 é objeto na relação **1A2O**. As relações são, portanto, orientadas pela hierarquia de pessoa, onde  $1 > 2 > 3$ , exceto na relação **1A×3O**, situação na qual se marca **O** ( $O > A$ );
- 2) quando envolvem SNs lexicais, as construções transitivas apresentam um tipo de marcação condicionada pelo tipo de lexema, sendo que algumas vezes **A** aparece ligado a **Sa**, com **A** marcado com o prefixo {Ø-}; e outras, onde **O** aparece relacionado a **So**, com **O** marcado através do prefixo {t-} ou {i-} ( $A=Sa \neq So$ ;  $O=So \neq Sa$ )<sup>10</sup>. Portanto, **A** é o caso morfológicamente não-marcado, como ocorre com **Sa**. A partir disso, pode-se afirmar que, em construções com nominais, o Ikpeng se comporta como língua acusativa, deixando **A** como função não-marcada e, em alguns casos, marcando **O**.

Outros fatores que corroboram a hipótese de ser o Ikpeng uma língua não-ergativa são: a) *ordem de constituintes*: a língua não apresenta a ordem (básica) ergativo-absolutiva SV/OVA (**S** e **O** na posição pré-verbal), como o Kuikúro e o Makuxí (cf. Derbyshire, 1999)<sup>11</sup>; b) *promoção/demoção de argumentos*: nas

<sup>8</sup> Mithun (1987) afirma que um dos critérios para determinar a ordem de uma língua é a seleção da ordem menos marcada pragmaticamente, isto é, aquela que pressupõe o mínimo. Ela sugere que as sentenças pragmaticamente mais neutras são as que iniciam um discurso (*discourse-initial*), visto que não há contexto lingüístico precedente para estabelecer informação.

<sup>9</sup> Tomaram-se como base no estudo da marcação de caso em Ikpeng os trabalhos de Dixon (1994) e Comrie (1989), entre outros. O método empregado para definir o caso numa língua natural é a comparação dos padrões de marcação das funções sintáticas S, A e O (=P) nas construções intransitivas e transitivas.

<sup>10</sup> Leia-se: **A** é marcado como **Sa** e **So** é marcado diferentemente; **O** é marcado como **So** e **Sa** é marcado diferentemente (proposta de representação feita por Dixon, 1994: 109).

<sup>11</sup> Nessas duas línguas, o caso ergativo é marcado através de um elemento sufixado/posposto ao SN em função **A** (-ya, no Makuxi; -heke, no Kuikúro; cf. Gildea, 1998).

construções médias, o argumento **O** é promovido a **S**, como ocorre nas passivas das línguas acusativas<sup>12</sup>.

## 5. O VERBO NA ORAÇÃO DEPENDENTE: UM ESTUDO PRELIMINAR

O verbo dependente ocorre geralmente nominalizado. Entretanto, além da nominalização, são encontradas outras duas estratégias de subordinação em Ikpeng: o uso de partículas inter-oracionais e a parataxe, onde o verbo da subordinada se encontra na forma finita, as orações são interpretadas como asserções separadas e não há partículas inter-oracionais ligando as orações<sup>13</sup>. A seguir, são apresentadas algumas considerações sobre os três tipos de oração dependente na língua: a) as relativas; b) as completivas; e c) as adverbiais.

### 5.1. O verbo na oração relativa

A partir da tipologia das relativas apresentada por Lehmann (1986), classifica-se a relativa Ikpeng como *Encaixada pós-nominal*.

Há duas estratégias empregadas para formar as relativas na língua: a) a nominalização, situação na qual o verbo ocorre nominalizado; b) verbo finito, situação no qual o verbo apresenta as marcas de tempo e aspecto encontradas no verbo independente, não apresentando marcas de nominalização. Neste caso, ocorre após a relativa a marca {**keni**}, analisada como “pronomes relativo” e, após o verbo, a partícula {**pa**}, analisada como subordinador. Vejam-se os exemplos:

(23) Relativas nominalizadas:

a) y-eneŋ-li      aŋpi    [t-aranme-rem-towo]  
1A3O-ver-REC menino 3-correr-NZ:S-PN ‘Eu vi o menino que correu’

b) petkom [g-enen-nin-piŋ] Ø-ero-li  
mulher 1-ver-NZ:A-PN 3Sa-ir-REC ‘A mulher que me viu foi embora’

c) petkom [+n-enen-piŋ] Ø-ero-li  
mulher 1-NZ:O-ver-PN 3Sa-ir-REC ‘A mulher que eu vi foi embora’

<sup>12</sup> Nos processos de demissão, que originam as construções (intransitivas) antipassivas, o argumento **A** assume a função **S** da construção intransitiva derivada e o argumento **O** original é demovido, assumindo uma função oblíqua, ou é apagado (para mais detalhes, cf. Dixon, 1994).

<sup>13</sup> As características da parataxe como estratégia de subordinação podem ser encontradas em Noonan (1985: 55).

(24) Relativas finitas:

a. y-eneŋ-li aŋpi [aranme-naŋ pa keni]  
1A3O-ver-REC menino correr-CONT SUBR REL  
'Eu vi o menino que está correndo'

b. petkom arimtoŋ itereku [y-erenmi-naŋ pa keni]  
mulher cozinhar galinha 1A3O-matar-CONT SUBR REL  
'A mulher vai cozinhar a galinha que eu estou matando'

O morfema {-tem} indica o argumento **S** nas relativas formadas a partir de intransitivos; os morfemas {-nin} e {-n-}, encontrados junto aos transitivos, indicam que a função relativizada foi **A** (sujeito transitivo) e **O** (objeto), respectivamente. Os morfemas {-pin} e {-towo} foram analisados como passado nominal.

### 5.2. O verbo na oração completiva

As completivas são formadas através dos seguintes mecanismos: a) nominalização via morfema {-poto}; b) parataxe. Vejam-se os exemplos abaixo:

(25) a. tʃileni Ø-anoŋ-li aŋpi [Ø-aranmet-poto ]  
Cilene 3A3O-mandar-REC menino 3Sa-correr-NMZ:LOC  
'Cilene fez/mandou o menino correr'

b. t-orempaŋ ugun [yokore Ø-anep-li karawato ti-wari ina ]  
3-saber ele Iokoré 3-trazer-REC gravador REF-amigo DAT  
'Ele sabe que o Iokoré trouxe um gravador para o amigo dele'

### 5.3. O verbo na oração adverbial

As adverbiais são formadas através de: a) uso de formas presas (afixos); e b) de formas gramaticais livres (partículas inter-oracionais ou conjunções). Os tipos apresentados em Pacheco (2001) foram: i) temporais e condicionais (exs. (a) e (b)); ii) causais (ex. (c)); e iii) finais (ex. (d)):

(26) a. atʃato-rup e-egakte-t arayŋmo  
chover-NT 3So-sair-NPAS minhoca  
'Quando chove, sai minhoca (do chão)'

b. k-otʃiket-poto y-eneŋ-li  
1Sa-pescar-NT 1A3O-ver-REC  
'Quando eu estava pescando, eu o vi'

c. e-egakte-li iru iran-potke

3So-sair-REC canto escutar-CAUS

'Ele saiu porque queria escutar o canto' (lit.: 'por causa da escuta do canto')

d. e-egakte-li yay anum-te

3So-sair-REC lenha carregar-FIN 'Ele saiu para carregar lenha'

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos discutidos aqui e em Pacheco (2001) precisarão ser retomados em futuras pesquisas, principalmente os relacionados à formação do verbo causativo, do verbo reflexivo e do verbo dependente. Questões sobre as categorias de tempo, aspecto, modo, marcação de caso e concordância precisarão ser revistas, a fim de se obter uma descrição adequada para as construções verbais, bem como para o estabelecimento das diferenças existentes entre as orações verbais e as não verbais. Pretende-se, ainda: a) estudar a ordem e a marcação de caso nas orações subordinadas; b) relacionar a posição do SN às funções pragmáticas de tópico e foco; c) realizar um estudo sobre a negação; d) verificar as estratégias de formação da oração interrogativa.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPETELA, C. (1997). *Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- COMRIE, B. (1989). *Language universals and linguistic typology*, 2. ed. Oxford: Basil Blackwell.
- DERBYSHIRE, D.C. (1999). Carib. In: R.M.W. Dixon & A.Y. Aikhenvald (org.) *The Amazonian languages*, 23-64. Cambridge: Cambridge University Press.
- DIK, S. (1980). *Studies in fuctional grammar*. London: Academic Press.
- DIXON, R.M.W. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EMMERICH, C. (1980). Fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise. *Linguística X*. Rio: Museu Nacional/UFRJ.
- GILDEA, S. (1998). *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
- GIVÓN, T. (1984/1990). *Syntax: a functional-typological introduction*, Vol. I. e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LEHMANN, C. (1986). On the typology of relative clauses. *Linguistics* 24: 663-680.

- MITHUN, M. (1987). Is basic word order universal? In: Russel S. Tomlin (org.) *Coherence and grounding in discourse*, p. 281-328. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- NICHOLS, J. (1986). Head-marking and dependent-marking grammar. *Language* 62: 56-119.
- NOONAN, M. (1985). Complementation. In: T. Shopen (org.), *Language typology and syntactic description*, vol. II: 42-140. Cambridge: Cambridge University Press.
- PACHECO, F.B. (1997). *Aspectos da gramática Ikpeng (Karíb)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karíb)*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP
- RODRIGUES, A.D. (1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.